Histórias de vida: memórias da escola e da educação na cidade de Corumbá da década de 60 do século XX

Thierry Rojas Bobadilha (UFMS/CPAN)

Corumbá é uma cidade fundada em 1778, na margem direita do rio Paraguai, como estratégia da Coroa portuguesa em demarcar o território e bloquear avanços castelhanos e ataques de indígenas. Na segunda metade do século XIX, essa localidade tornou-se o principal entreposto comercial da província de Mato Grosso,¹ reflexo este da internacionalização das vias fluviais da região. Atualmente fronteira com a Bolívia, Corumbá é uma das cidades mais antigas do estado de Mato Grosso do sul, considerada capital do Pantanal e com uma população composta por migrantes de outras partes do Brasil e descendentes de estrangeiros.

Eu, Thierry Rojas Bobadilha, nascido em Corumbá no ano de 1989, sou filho de Helena, mulher batalhadora que nasceu em 1968, e que viveu na fazenda e também na cidade, tendo preciso vender salgados para ajudar a sua mãe, dando parte do seu salário para o que fosse necessário. Filho também de Sebastião que nasceu em 1967, tendo vivido em outra cidade e também em Corumbá. Conta que ia buscar leite quilômetros longe de casa, montado em uma bicicleta, e que muito ajudou seus pais.

Entrei na pré-escola com 4 anos de idade, onde estudei na Escola Municipal Izabel Corrêa de Oliveira. No começo das aulas, lembro que chorava quando minha mãe me deixava na escola, e que ela ficava me olhando e ia saindo sem que eu percebesse. Lembro, também, que sempre íamos a pé para a escola, morávamos no Bairro Nova Corumbá, e era um caminho longo a ser percorrido, mas era divertido porque vinham minha mãe e uma colega dela que também levava seu filho para a mesma escola. Da sala de aula lembro-me que brincávamos pouco, pois fazíamos muitos exercícios para a alfabetização.

No primeiro ano do Ensino Fundamental fui para outra escola, a qual era mais próxima de minha casa, onde fiz novas amizades. Porém, lembro de uma professora de Geografia que nos seguiu até a quinta série: o nome dela é Maria Benedita, uma pessoa muito brincalhona, com quem aprendi muitas lições, lições estas que ultrapassavam o campo da geografia.

O melhor ano dos meus estudos, e de escola, foi o terceiro ano do Ensino Médio

na Escola Júlia Gonçalves Passarinho, onde fiz meus melhores amigos, pessoas que conheci dentro e fora da escola. Para ser mais específico, o ano foi 2007, em que mudei para a citada escola sob a influência da Lôruama, amiga que já conhecia fora da escola e que a partir desse ano decidimos estudar juntos. Com ela, minhas idas e saídas da escola foram as melhores, ouvíamos músicas, parávamos na Praça da Independência para ficar conversando com outras pessoas da sala e esperar o ônibus para ir para casa.

No final do ano de 2008 comecei a estudar para o vestibular, na casa de um amigo, onde ele me ensinava História, Geografia e Redação. Com muita dúvida de qual curso escolher, acabei optando por Pedagogia, porque a minha mãe disse que era bom e também pela opção que eu me identifiquei na hora da inscrição, mesmo sem saber quais eram as possibilidades de trabalho relacionadas com o curso e tendo-o escolhido muito por influência da minha mãe.

Em 2009 iniciei o curso e neste primeiro ano de curso achei quase tudo muito difícil, porque tudo o que eu conhecia, ou pelo menos acreditava que era correto, parecia um tanto quanto diferente na universidade. O terceiro ano do curso – 2011 – foi um bom período, pois tive disciplinas interessantes, como exemplo os Fundamentos e Metodologias do Ensino de Geografia e de Ciências Naturais. Estas disciplinas nos levaram para fora da sala de aula e me permitiram experimentar o conhecimento de forma diferente, a ver lugares com outros olhos e de pensá-los como uma ótima alternativa na hora do ensino-aprendizagem em sala de aula.

No terceiro ano do curso, tivemos que decidir o que pesquisar para a monografia. Isto não era surpresa, porque desde o primeiro ano já se falava dela, e nos dois primeiros anos do curso eu já havia pensando vários temas para a pesquisa. Um deles era sobre a acessibilidade, mas o tempo e os momentos com a família no domingo e com os amigos no dia a dia me fizeram repensar esse tema. Os diálogos com a minha avó e suas falas de escola me ajudaram a desejar saber mais sobre uma escola que não conheci.

O que me fez assumir a pesquisa a partir das histórias de vidas foram as conversas com minha avó, minha mãe e outras pessoas que me contavam sobre suas infâncias, seus estudos, até que momentos da vida estudaram, e isso me levou a várias ideias de tentar compreender as outras pessoas, de não deixar suas histórias serem esquecidas numa beira de estrada.

Afirmo o interesse em conhecer os sentidos da escola na cidade de Corumbá dos

anos de 1960 a partir das histórias de vida de sujeitos que hoje cursam Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e que vivenciaram esta escola quando na sua infância.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, a mesma constitui-se de diferentes momentos de escrita e reflexão. O primeiro deles, o qual se encerra agora, traz a história da minha vida e a definição do que é esta pesquisa. No segundo momento, trago um diálogo sobre a história da educação brasileira até a década de 1960, referencial para este estudo. Já no terceiro momento, apresento as bases teóricas metodológicas da pesquisa e os passos construídos para a coleta e análise dos dados. Logo depois, a apresentação das duas histórias de vida das duas sujeitas deste trabalho e, por fim, as considerações finais desta pesquisa.

Para pensar a escola e a educação em meados do século XX, é importante destacar que na década de 1940 foi elaborada a Constituição Federal de 1946 que no art. 166 diz que “A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”. Desta vez com o Estado assumindo a obrigatoriedade na manutenção e expansão do ensino público, também assegurando a gratuidade do ensino primário e dos outros níveis que assumirem falta de recursos, determinando que os governos federais, estaduais e municipais devem aplicar um percentual mínimo na educação, e que a União assumira o papel de formular as Diretrizes da Educação Nacional (RIBEIRO, 1994, p.186-187). E, em 1948, é encaminhado ao Congresso Nacional o projeto de Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, que somente foi aprovado em 1961.

No dia 01 de abril de 1964, foi deflagrado o golpe militar, o qual, segundo Noronha (1994), botou fim nas aspirações nacionalistas de desenvolvimento. Apesar de aparecerem nas falas do planejamento golpista, a saúde, a educação, o saneamento e a habitação ficaram de lado, tendo em vista que o principal intuito do planejamento militar-elitista era o de modernização institucional e o do aperfeiçoamento do Estado.

No que tange a educação, não houve grandes alterações na qualidade, uma vez que o número de pessoas analfabetas aumentou e não foram adotadas medidas de nível governamental para a recuperação desse problema, a não ser campanhas fragmentadas e sem continuidades.

Em 1971 foi elaborada a lei nº 5.692, que tinha como objetivo ajustar a política

educacional brasileira a nova realidade política e econômica em implementação. O principal objetivo dessa lei era o de privatizar, pois não dava condições de acesso e permanência à educação pública, ao mesmo tempo em que voltava a mesma para uma profissionalização deliberada. Segundo Noronha (1994), a lei também se preocupou em criar condições de igualdade em um momento de desigualdade e repressão social, pois “a reforma de 1º e 2º graus [...] possuía, portanto, uma dupla função: [...] utilitarista porque tinha em vista a inserção imediata do estudante no mercado, e discriminadora porque a ‘igualdade de oportunidades’, via escola, não garantia a ascensão social” (NORONHA, 1994, p.250).

Os relatos das histórias de vida serviram de fontes para os objetivos deste estudo. Para pensar as histórias de vida encontro, primeiramente, a história oral, a qual, segundo Alberti (2005), “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da História’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (p. 155).

A memória é o registro de sentimentos, emoções boas e ruins, as experiências, saberes, um acontecimento, valores, datas importantes, lembranças de pessoas, de lugares, de objetos e outras recordações sociais. É a partir desses registros que são salvos em nosso cérebro que é formada a identidade de cada indivíduo (BRANDÃO, 2008); (ALBERTI, 2005). Nesse sentido, BRANDÃO (2008, p. 16) afirma que “Cada memória é única, tem a marca e é constitutiva de nossa identidade, fazendo parte, simultaneamente, das comunidades restritas ou ampliadas das quais participamos; ligando-nos também às memórias comuns, sócio-históricas”.

Por meio da memória individual de cada sujeito podemos descobrir padrões sociais e coletivos, e impactos que diversas experiências tiveram em suas vidas. Para essa descoberta, nos diálogos desta pesquisa foram utilizadas as perspectivas da história de vida como processo de resgate de memórias e, também, de formação para aqueles que contaram suas vidas.

Na pesquisa com história de vida o importante não é confirmar o que o sujeito narrou, o mais importante é o ponto de vista de quem vivenciou os fatos em determinada época, “portanto, procura apreender os elementos gerais contidos nas entrevistas das pessoas” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p.121). Como nos lembra Sarat (2002, p. 3), é importante se atentar para a história de vida, pois precisamos “acreditar que pessoas anônimas, sem projeção social, às vezes excluídas por determinados grupos, também constroem e são construídas pela história, fazendo parte de um momento histórico

específico”.

O primeiro exercício para esta pesquisa foi a definição dos sujeitos participantes: os participantes da pesquisa precisariam ser pessoas que vivenciaram a escola primária na década de 60 e que atualmente estão no curso de Pedagogia do *Campus* do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Desta forma, fui em busca dos sujeitos utilizando diferentes vias de comunicação, mas principalmente no diálogo aberto com as quatro turmas do Curso de Pedagogia. Foi assim que encontrei as duas pessoas que vivenciaram a escola nos anos 1960 e que tornaram-se as sujeitas desta investigação: Pérola e Jade.

O próximo passo foi a execução de novas entrevistas, com a primeira entrevistada e também com a segunda participante da pesquisa. Depois da realização das gravações das entrevistas, as mesmas foram transcritas e, posteriormente, reescritas para a construção das histórias de vida dos participantes. Logo após este processo, as histórias foram analisadas e sistematizadas com vistas as respostas às propostas deste estudo.

Sendo assim, no próximo momento deste trabalho, serão apresentadas as histórias de vida das duas mulheres participantes da pesquisa, bem como algumas análises referenciais de suas trajetórias.

A história de Pérola...

Pérola afirma que entrou na escola em 1964, ingressando com 7 anos de idade. Afirma, também, que terminou o ensino técnico em 1979, saindo da escola com 17 anos. Tempos depois, quando já era casada e seus filhos estavam maiores, resolveu prestar vestibular e entrar em um curso superior e hoje, março de 2013, é formada do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A família de Pérola originou-se em Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul. Seus pais eram fazendeiros e tinham uma fazenda em uma região mais afastada, “*na região de Albuquerque*”. Pérola nasceu em Corumbá na data de sete de março de 1956. Caçula entre cinco filhos foi recebida na família com amor e muito carinho pelos pais e irmãos que a esperavam ansiosamente. Teve uma infância sossegada, com horários impostos pelos pais que deveriam ser seguidos corretamente. Segundo ela, “[...] *era uma época tranquila, a gente tinha horário pra tudo, não podia ficar até tarde na rua [...]*”.

Os pais de Pérola davam uma grande importância e faziam questão que todos os

filhos estudassem, porque o patriarca da família não teve a chance de continuar seus estudos. *“Meu pai não pôde estudar porque eles mexiam com fazenda, na época deles já o pai dele falava que só era pra aprender a ler e nada mais”*. Seu pai então sempre *“quis que os filhos estudassem, formassem. Então pra eles era muito importante o estudo e colocava na cabeça da gente que tinha que estudar”*. Possivelmente, o *“aprender a ler e nada mais”* que a Pérola citou como exigência para o seu pai, esteja relacionado a uma necessidade política demarcada, principalmente, em boa parte da história da 1ª República, como um dos requisitos para se ter acesso ao que era concebido como participação eleitoral efetiva, através do voto.

Segundo Pérola, todo o início de aula tocava um sino e os alunos ficavam em fila no pátio para poderem cantar os hinos e também fazer oração para Deus. Depois dessa acolhida, os alunos eram mandados *“sala por sala, tudo quietinho pra sala de aula, cada hora ele [...] [o diretor] mandava uma sala subir”*. Como sabemos, desde 1932, com o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, houve grande discussão em defesa da escola pública, laica e gratuita, mas, apesar disso, as instituições privadas confessionais, ou seja, aquelas mantidas por congregações religiosas mantinham-se firmemente na exploração do “serviço educacional”, desta vez respaldadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, a qual assumia um caráter bastante privatista.

Com dezessete anos de idade Pérola foi fazer o científico. *“Eu fiz especialização em técnico para laboratório, [...] era o último ano, como se fosse ensino médio”*. E, em 1979, ela concluiu o ensino técnico. Segundo Saviani (2005, p.20), a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971, a educação começou a ser utilizada como parte do processo econômico da produção de mão de obra.

Atualmente Pérola se sente realizada, pois como ela diz: *“consegui formar meus filhos, agora to em fase também de formar, acho que foi também uma conquista da minha parte, porque fiquei muito tempo sem estudar na época que eles nasceram, agora voltei e vou terminar os estudos”*. Pérola acredita que a escola foi muito importante para ela e a vida dela, e como ela mesma justifica, *“[...] porque me deu toda a educação, pessoalmente, pra progredir, pra ajudar meus filhos. Importante porque hoje em dia sem escola, você sem estudo, você não consegue nada, então é um grande passo importante”*.

A história de Jade

Jade vem de uma família de imigrantes sírios, com os seus pais vindo muito cedo da Síria, *“ainda criança”*. Eles se conheceram no Brasil, casaram-se, *“trabalharam e constituíram a família do qual eu pertencço”*.

A mãe de Jade sempre foi analfabeta, e segundo ela seu pai *“aprendeu a ler e escrever sozinho e a fazer contas também”*. Seu pai aprendeu sozinho pois ele era *“comerciante, ele sempre mexeu com comércio, fazia contabilidade, e tudo mais”*. Os pais dela tiveram sete filhos, *“sou caçula de sete irmãos, somos seis mulheres e um homem”*. Jade nasceu em Corumbá no dia 13 de agosto de 1960, onde teve uma infância muito tranquila e feliz, e segundo ela seus pais a cercaram de amor, carinho, atenção e dedicação.

Os pais enviaram-na para a escola para começar a estudar e *“aprender a ler e escrever”*. Seus pais sempre a incentivavam nos estudos, pois *“[...] a educação para eles era um meio que eles tinham de me proporcionar um futuro, eles estavam me deixando na educação um futuro”*. Segundo Jade, seus pais costumavam dizer que *“se tem uma coisa que nunca ninguém vai roubar de você é sua educação, e isso você vai carregar pro resto da sua vida, você vai se fazer com ela, onde você for você vai ser bem recebida, você vai ser bem aceita, você vai ter... vai poder ter um futuro com ela, conseguir um emprego”*.

Jade se lembra de que na escola Santa Tereza *“[...] tinha horário pra chegar, era, eu entrava às sete horas, não podia chegar atrasado, chegava tinha dez minutos de tolerância, o portão era fechado, ficávamos pra fora [...]”*. Quando chegava atrasada e ficava para fora da escola, ela transgredia as regras e *“dava um jeito de entrar, e entrava nem que seja pelos fundos da escola”*.

Jade afirma que o coordenador da escola *“ficava sempre passando pelos corredores”*. Segundo Sena (2008, p. 38)

Com as mudanças surgidas no campo educacional no Brasil após 1930 e no Estado de Mato Grosso com a Lei Orgânica estadual de 1951, uma nova função surge [...] a de Supervisor (a). Cargo ocupado por normalista, que auxiliava a diretoria nos afazeres e mantinha contato direto com os professores. [...] Além disso, a supervisora tinha a função fiscalizadora.

Quando terminou os estudos na escola, Jade prestou vestibular. Disse que fez por

fazer, e para sua grande surpresa ela passou *“entre os primeiros lugares, e isso em 1980, fiz pra Pedagogia”*. Escolheu a Pedagogia por admiração que tinha em suas professoras e porque *“[...] todo mundo sempre falava tem jeito de professora, eu não sei, sempre gostei de lidar com crianças”*.

Em uma fase da sua vida, precisou desistir da faculdade para construir seu matrimônio, sua família. Dessa forma, foi morar em outra cidade com seu esposo e, desapontada, afirma que *“[...] infelizmente eu me arrependo de ter parado de estudar, parei de estudar e me dediquei a outras coisas”*.

Depois de algum tempo, Jade resolve voltar para sua cidade natal, Corumbá, e se depara com sua mãe doente com *“mal de Alzheimer”*. Ela cuidou um tempo da sua mãe, mas ela veio a falecer, fazendo com que Jade caísse numa depressão profunda e foi assim que ela pensou: *“meu Deus, preciso fazer alguma coisa [...], de novo eu não podia ficar parada, nem na ociosidade nem nada, precisava fazer alguma coisa”*.

Depois desse episódio em sua vida, Jade resolveu fazer um novo vestibular e de novamente escolheu o curso de pedagogia. O seu maior objetivo dentro da universidade era o de *“melhorar a minha autoestima que estava em baixa, antes mesmo, até mesmo do emprego e de qualquer outra coisa”*.

Pergunto se Jade atualmente se sente realizada, e ela me responde *“que ninguém se sente realizado, a gente vive a vida, é um eterno aprendiz, a gente vive em busca de uma coisa, se realiza numa coisa e quer fazer outra coisa, acho que nunca o ser humano, é um ser incompleto”*.

Das falas de Pérola e Jade, algumas marcas da escola dos anos de 1960

Os objetivos da pesquisa centraram-se no conhecer os sentidos da escola nos anos 1960 para duas estudantes que viveram este período e que em 2012 eram acadêmicas de Pedagogia do *Campus* do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Partindo desses estudos e entrevistas foi possível perceber alguns apontamentos marcados nas narrativas das duas mulheres que estudaram na escola da década de 1960 em Corumbá: a relação dúbia entre Estado e a produção da educação na escola; a relação professor x aluno; os pais e a relação com a educação das filhas; e o Eu e a escola – com as motivações e as resistências.

Tendo como base a análise dos resultados, podemos identificar que o Estado utilizava-se da escola para controle e padronização dos alunos, tendo em vista a necessidade dessa construção formalizada para a manutenção do governo ditatorial no poder. Para que isso ocorresse os alunos deveriam ser obedientes em todos os espaços de vida cotidiana, seja na família como na escola, e daí emergia seguir uma série de regras impostas pela escola como, por exemplo, utilizar uniforme padrão para a homogeneizaçãodas pessoas e, principalmente, dos corpos dos sujeitos, interferindo assim em suas identidades. Da mesma forma, os alunos deveriam seguir horários estabelecidos pela instituição escolar, como horário para entrar na escola, horário para rezar, para cantar o hino à Pátria, para o recreio, para a saída da escola. Esta delimitação dos tempos continua a ser, hoje, uma marca da escola como indutora de padrões e comportamentos nos diferentes sujeitos.

A educação era vista pelos pais como uma forma de ascensão social, uma vez que os filhos eram inseridos na escola com o objetivo de ter um futuro melhor, uma vida melhor. A educação também era vista como uma oportunidade da pessoa crescer na vida profissional e como garantia da manutenção de um status social bem definido.

Para Jade a educação teve a função de auxiliar no seu desenvolvimento social, na sua ascensão como pessoa, pois a escola a ajudou na interação com as outras pessoas e também a melhorar sua autoestima. Pérola percebe que a educação serviu como base para ajudar seus filhos nas tarefas escolares, na sua ascensão pessoal e social, além de auxiliar para sua entrada na universidade.

Na pesquisa tive que escrever sobre a minha história de vida, contar para os leitores como o pesquisador que aqui fala cresceu e viveu a escola. Foi uma tarefa difícil, pois há momentos em que me deparei com passagens da vida e não sabia se deveria escrever ou escondê-las. Já que a memória é seletiva, às vezes omitimos, propositalmente, episódios. Episódios esses que também podem ser esquecidos ou alterados já que a memória é falha.

A pesquisa me proporcionou escutar as pessoas e pensar nas suas histórias, algo que geralmente não faço em meu cotidiano. Esses depoimentos me fizeram perceber que as histórias de vidas, a história das pessoas comuns, são repletas de aspectos de uma sociedade e de um momento, e denotam a singularidade e a especificidade delas que puderam ser apreendidas.

¹Neste período histórico o estado de Mato Grosso englobava as áreas que hoje envolvem os atuais Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Segundo Queiroz (2006) a divisão do Estado de Mato Grosso no ano de 1977, aconteceu por diversos fatores, por exemplo, a busca pela identidade do Estado e das regiões norte e sul do mesmo, brigas econômicas e políticas entre a região norte, atual Mato Grosso, e a região sul, atual Mato Grosso do Sul.

Referências:

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

ENTREVISTAS Jade (depoimentos orais). Entrevistador: Thierry Rojas Bobadilha. Corumbá: UFMS, 2012. (240 minutos).

ENTREVISTAS Pérola (depoimentos orais). Entrevistador: Thierry Rojas Bobadilha. Corumbá: UFMS, 2012. (120 minutos).

NORONHA, O. M. A Luta pela Ampliação das Oportunidades Escolares (1950-1990). In: RIBEIRO, M. L. S.; XAVIER, M. E. S. P. (Orgs.). *História da Educação: A escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994, p.206-295.

QUEIROZ, P.R.C. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). *Diálogos* (Maringá), v. 10-2, p.149-184, 2006.

RIBEIRO, M. L. S. A Luta Pela Ampliação das Oportunidades Escolares (1910-1960). In: XAVIER, M. E; NORONHA, O. M. (Orgs.). *História da Educação: A escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994, p. 131-203.

SARAT, M. A Escola da Minha Infância: História Memória e Educação. In: *ANALECTA*. Vol. 13, n. 1, Jan/Jun. 2002. Guarapuava, Paraná. P. 135-148.

SAVIANI, D. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. *Projeto 20 anos do Histedbr*. Campinas, 25 de agosto de 2005, p. 1-38.

SENA, Divino Marcos de. Funcionários e alunos: os personagens do Grupo Escolar Luis de Albuquerque, Corumbá (1924- 1970). In: *III Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão*, 2008, Campo Grande. As Identidades/ Diferenças Culturais em Contextos Pós-Coloniais. Campo Grande: Cd-rom ANAIS/ Texto Completo, 2008.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa(dora)?: *Revista da Escola de Enfermagem da USP JCR*, São Paulo, v.37, n.2, p.119-126, 2003.